

Do Acre para São Paulo: uma perspectiva sobre imigração haitiana no Brasil

Anne Louyse Araújo¹
Elaine Javorski (orientador)²

Resumo: Depois do terremoto de 2010, um grande número de haitianos desembarcou no Brasil em busca de emprego e melhores condições de vida. Era o início de um intenso fluxo migratório que dura até hoje. Em abril de 2014, esses estrangeiros tornaram-se notícia na mídia devido ao envio de centenas deles do Acre para São Paulo. Este trabalho pretende analisar de que forma os telejornais da Globo e da Record trataram esse assunto que envolveu conflitos políticos e questões humanitárias. Para tanto, foram observadas reportagens de telejornais matutinos e noturnos com foco especial no enquadramento do caso, tendo em vista as características de cada noticiário e emissora, observando variantes como tempo da peça, sua localização dentro do telejornal (editoria), número e qualidade das fontes e abordagem do tema.

Palavras-chave: Fluxos migratórios; haitianos no Brasil; Telejornalismo; Migração; multiculturalidade.

¹ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UniBrasil.

² Professora-pesquisadora da UniBrasil, doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade de Coimbra

1. Introdução

A imigração é um processo social espontâneo, em que pessoas saem do país de origem em busca de melhores condições de vida e/ou diferentes experiências. Tal fenômeno social deu origem à formação da sociedade brasileira, constituída inicialmente pelos colonizadores portugueses, e mais tarde por outros grupos de migrantes (COGO, 2006).

Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), são 232 milhões de migrantes internacionais em todo o mundo (ONU, 2013). No Brasil, segundo dados do Censo Demográfico de 2010, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são 268 mil estrangeiros vivendo no país, número que aumentou progressivamente nos últimos dez anos. O Censo anterior apontava 143 mil imigrantes entre os anos de 1995 e 2000 (IBGE, 2012). Em 2013, o país registrou o recorde histórico no número de 48.272 solicitações de permanência e refúgio (PRATES, 2014). O estudo das migrações ganhou espaço nos últimos anos, pois além de abranger diversos aspectos da sociedade — econômico, social e político — os fluxos de globalização têm despertado novas políticas em vários países que recebem ondas migratórias.

O Brasil é um país multicultural e, desde o início da construção, teve a história marcada pela imigração. Após a divisão de territórios pelo Tratado de Tordesilhas, foi marcado o início do domínio português na região. O território foi dividido em capitanias, o que fez com que cerca de 100 mil portugueses imigrassem para o Brasil durante os primeiros 200 anos de colonização (IBGE, 2000). Mas esses ainda não eram suficientes para a implantação do cultivo da agricultura de exportação, o que na segunda metade do século XVI deu origem ao movimento migratório forçado, em que desembarcaram no Brasil cerca de 4 milhões de africanos (id), importados para trabalharem como escravos nas plantações de açúcar.

Já no século XIX, a economia modificou-se, e o Brasil começou a se posicionar no comércio internacional com a produção cafeeira. Com a nova demanda e a abolição da escravidão em 1888, surgiram dificuldades na produção. Por isso um novo projeto de colonização agrícola para substituir a mão de obra escrava passou a fomentar o movimento migratório. Alemães, italianos,

portugueses, espanhóis e japoneses chegaram ao país para trabalhar no cultivo de café (OIM *et al.*, 2011).

Grupos menores de estrangeiros como russos, austríacos, sírio-libaneses e poloneses também migraram para o Brasil. Estima-se que 40 milhões de estrangeiros entraram no país no período entre 1870 e 1930, o verdadeiro ápice da imigração no Brasil.

A partir de 1980, o Brasil viveu o processo de deslocamento da população para o exterior. O maior fluxo de brasileiros se deslocou para os Estados Unidos. Nas décadas seguintes, a Europa e o Japão também receberam grande contingente de brasileiros.

Em contrapartida, no início do século XXI, observou-se uma nova onda migratória no país. Coreanos, chineses, bolivianos, paraguaios, peruanos e africanos passaram a migrar em grande escala para o Brasil. Fazem parte desse fluxo também os haitianos. E é sobre esse grupo e sua representação na mídia que trata este artigo, mais especificamente sobre os casos de transporte desses imigrantes do Acre para São Paulo, em abril de 2014.

2. Imigração dos haitianos para o Brasil

O terremoto que aconteceu na tarde de 12 de janeiro de 2010 marcou o início da intensa imigração haitiana para o Brasil. O Haiti já era considerado o país mais pobre do hemisfério ocidental, segundo o relatório de 2010 da *United Nations Conference on Trade and Development* (Unctad), resultado de inúmeras crises no governo do país. O terremoto matou aproximadamente 230 mil haitianos e deixou 1,5 milhões de desabrigados em razão do tremor. (GIRALDI, 2012).

Em 2010, ano em que aconteceu a catástrofe física no Haiti, 459 haitianos conseguiram visto de residência no Brasil. Já nos anos seguintes, o fluxo aumentou. Em 2011 foram 2.644 vistos, subindo para 4.658 no ano de 2012. Em 2013, o ápice da migração haitiana marcou 13.669 autorizações para residir no Brasil (JUNQUEIRA, 2014).

O movimento migratório é impulsionado pelas condições socioeconômicas desfavoráveis do Haiti, e o destino é influenciado pelas ações brasileiras

favoráveis ao acolhimento dos imigrantes (MORAES, ANDRADE e MATTOS, 2013). Outro grande motivo da imigração haitiana para o Brasil é relacionado ao crescimento econômico do país, que tem marcado presença no mercado político e econômico internacional. Com a confirmação do Brasil como sede em 2007, notou-se a necessidade de mão de obra para a infraestrutura da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 (COGO e BADET, 2013).

Ao chegar ao Brasil, os imigrantes haitianos solicitam refúgio, alegando péssimas condições e impossibilidade de viver no país de origem. As solicitações são enviadas ao Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), do Ministério da Justiça, que analisa os pedidos, mas não encontra amparos legais para conceder o refúgio. O pedido é remetido ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que, por meio da nova resolução nº 102/2013, que ampliou o número de vistos permitidos para haitianos, concede vistos de permanência para estrangeiros por razões humanitárias.

Para chegar ao Brasil, os haitianos podem escolher entre duas alternativas: pedir o visto na embaixada do Brasil no Haiti ou então recorrer aos “coiotes”, pessoas que fazem transporte clandestino de imigrantes. Os que não têm dinheiro suficiente para entrar no país de maneira legal, optam por escolher os atravessadores ilegais, e tornam-se vítimas de extorsão, roubo e mortes quando percorrem territórios do Peru e da Bolívia (MACHADO, 2012).

Em abril 2014, uma série de envios de imigrantes do Acre para São Paulo causou comoção na mídia. Até então, não se havia noticiado esse tipo de ação pelo governo do estado que abrigava os que chegavam ao país. O envio dos imigrantes a São Paulo começou a acontecer depois da cheia no rio Madeira em fevereiro de 2014, que deixou o Acre em estado de calamidade, cortou a ligação por terra com o resto do país e fez com que os habitantes ficassem em situação de isolamento.

A cidade de Brasileia é a porta de entrada dos imigrantes no país, onde os haitianos são recebidos, regularizados com documentação e direcionados para o destino final. Com a cheia do rio Madeira, as estradas ficaram interditadas e os imigrantes não puderam seguir viagem. O abrigo que os acolhia na cidade foi fechado por falta de estrutura, em uma decisão do governo do Acre (SARRES, 2014). Com o fechamento, o governo do Acre encaminhou alguns dos imigrantes para outro abrigo na capital Rio Branco, e também acelerou o

processo dos haitianos para os destinos finais, enviando cerca de 400 para São Paulo (FELLETT e KAWAGUTI, 2014). A chegada dos imigrantes não foi bem recebida pelo governo do estado de São Paulo, que criticou a postura do governo acreano.

3. A mídia e a construção de estereótipos

A recente vinda de haitianos para o Brasil tem preenchido a mídia com informações que muitas vezes generalizam de maneira incorreta o perfil desses imigrantes. Devido ao terremoto que devastou o país caribenho, e que deixou milhares de pessoas desabrigadas e em estado de extrema pobreza, a descrição da condição dos imigrantes que vêm ao país surge a partir de comentários simplistas e gera opiniões preconceituosas e pouco esclarecidas. Informações breves e descontextualizadas ajudam a criação e o reforço de estereótipos, principalmente por meio da televisão que, junto com a internet, se mostra como veículo de informação mais abrangente na atualidade. Quando difundidos para um grande público, os estereótipos tornam-se referências e parte da experiência individual e social. Segundo Biroli:

Permitem, por exemplo, que um determinado comportamento ou bordão seja referência comum a indivíduos que nunca tiveram contato direto e estão posicionados socialmente (por classe, ocupação, sexo, raça, idade) de maneiras diversas. Na mídia, a caracterização de eventos e indivíduos distantes a partir de discursos moralmente codificados é associada a narrativas familiares, que organizam a cobertura noticiosa. (BIROLI, 2011, p. 84)

Segundo o autor, “nossas pré-concepções são formadas por um conjunto complexo de referências disponíveis, entre as quais estão aquelas fornecidas pelos discursos midiáticos” (ibid, p.87). A mídia não é responsável pela maneira que o espectador recebe a informação, mas estabelece uma construção de concepções a partir de fatos, que serve para julgar eventos posteriores. Se em uma notícia um indivíduo é classificado com estereótipos, o receptor, de

maneira inconsciente, vai julgar posteriormente o indivíduo da maneira classificada pela mídia.

O termo estereótipo era usado desde 1978, no ambiente da imprensa e tipografia, quando eram usadas chapas de metal para produzir cópias repetidas do mesmo texto. Dentro das ciências sociais o termo era usado esporadicamente para representar algo “sólido”, “firme”. (CABECINHAS, 2004).

O estudo dos estereótipos como conceito social surgiu nos estudos de Walter Lippman, que associou o significado da palavra a uma certa rigidez das imagens mentais formadas a partir de grupos sociais. Lippman conceituou os estereótipos dentro de um processo “normal” e “inevitável”, característico do pensamento humano (id, 2004).

Para Lippman, os estereótipos são conceitos inflexíveis à mudança social (FREIRE FILHO, 2004). O conceito social estereotipado é inconscientemente disseminado a pessoas e fixado dentro da cultura, tornando-se uma ideia comum.

A disseminação, pelos meios de comunicação de massa, de representações inadequadas de estrangeiros, classes sociais e outras comunidades é destacada como um sensível problema para o processo democrático, cujo desenvolvimento demanda a opinião esclarecida de cada cidadão a respeito de questões capitais da vida política e social. (FREIRE FILHO, 2004, p. 47)

Os meios de comunicação são disseminadores de estereótipos. Essa difusão torna o espectador, de maneira involuntária, dependente do raciocínio que desconsidera fatores importantes da sociedade.

Os estereótipos produzem efeitos sobre a sociedade e podem gerar comportamentos sociais de exclusão e marginalização a tudo que é diferente ao raciocínio habitual.

Como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, os insiders e os outsiders, Nós e Eles. Tonificam a autoestima e facilitam a união de todos “nós” que somos normais, em uma “comunidade imaginária”, ao mesmo tempo

em que excluem, expõem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente. (FREIRE FILHO, p. 47, 2004)

É a partir do conceito de estereótipo traçado por Lippman que este trabalho busca identificar as representações propagadas pela mídia que reforçam ideias muitas vezes preconceituosas e estigmatizadas sobre os imigrantes haitianos.

4. Estudo de caso: a problemática dos imigrantes haitianos

Este artigo pretende analisar de que forma os imigrantes haitianos são retratados pela mídia televisiva. O trabalho faz parte de um monitoramento feito por acadêmicos do curso de Jornalismo da UniBrasil que observam os telejornais matutinos na busca por notícias relacionadas a imigrantes de todas as nacionalidades que vivem no Brasil. Foram monitorados os noticiários locais Paraná no Ar (RIC/Record), Bom Dia Paraná (RPC/Globo) e Jornal da Massa (SBT), bem como os noticiários nacionais Bom Dia Brasil (Globo), Fala Brasil (Record) e Jornal do SBT (SBT), entre março e julho de 2014. Como apenas três reportagens sobre os imigrantes haitianos foram encontradas durante o período, todas em âmbito nacional e duas delas referentes à mudança de um grupo de haitianos do Acre para São Paulo, optou-se por analisar esse caso especificamente, abrangendo também outros dois telejornais, desta vez noturnos: Jornal da Record (Record) e Jornal Nacional (Globo). Assim, a amostra ficou centrada temporalmente na última semana de abril (23 a 30), quando o fato ocorreu, abrangendo o total de cinco peças: uma encontrada no Bom Dia Brasil, duas no Jornal Nacional e duas no Jornal da Record (uma delas reprisada no Fala Brasil do dia posterior). Assim, objetivou-se entender o enquadramento do caso, tendo em vista as características de cada noticiário e emissora, observando variantes como tempo da peça, sua localização dentro do telejornal (editoria), número e qualidade das fontes e abordagem do tema.

No dia 24 de abril, os veículos de comunicação “descobriram” a chegada a São Paulo dos imigrantes provenientes do Acre. Neste dia, tanto o Jornal da Record quanto o Jornal Nacional fizeram reportagens sobre o caso. No noticiário

rio da Globo a reportagem procura contextualizar rapidamente a vinda de imigrantes haitianos para o Brasil, ao mostrar homens, mulheres e crianças que vêm ao Brasil como refugiados, especialmente no Acre, e o conflito gerado pelo “envio” desses refugiados para outros estados. Por questões humanitárias o Brasil concede visto de refugiado para que eles possam encontrar trabalho. Utilizam-se animações gráficas, como mapas, para ilustrar os Estados que recebem esses imigrantes que entram no país pelo Acre. As fontes utilizadas se limitam a expressar o conflito por meio de duas vozes oficiais, uma em cada local, sendo no Acre ouvido o Secretário de Direitos Humanos, Nilson Mourão, e, em São Paulo, o padre Antenor Dela Vecchia, que coordena uma das igrejas que recebem esses haitianos. Enquanto o secretário justifica que o abrigo no seu estado não tinha como atender a tantos imigrantes e que logo se tornaria uma calamidade pública, pois esse é “apenas” a porta de entrada para essas pessoas no Brasil, o padre deseja um local que não sirva como depósito e que o sonho de melhorar de vida não seja destruído pela falta de dignidade que os brasileiros oferecem.

A passagem do repórter mostra o salão da igreja onde os haitianos passam a noite, com destaque para os cobertores que servem como colchão, fornecidos pela igreja. O repórter até utiliza dois personagens para ilustrar o problema, mas não há entrevista com nenhum deles. A matéria de 3’39” é atualizada com uma nota pé sobre a entrega, por parte da prefeitura, de colchões na igreja. Há ainda uma sonora com a secretária de Justiça de São Paulo, Eloisa Arruda, sobre a atitude do governo do Acre, classificando-a como irresponsável ao permitir o embarque dos haitianos sem avisar ao governo paulista. A justificativa do governo do Acre é dada por meio da leitura de uma mensagem em rede social do governador Tião Viana, do PT, que critica a ação do governo paulista indagando: “como é que a elite paulistana quer obrigar o povo do acre a prender imigrantes haitianos em nosso território? Preconceito racial? Higienização? As elites preconceituosas querem o quê? Que prendamos essas pessoas? Que não as deixemos encontrarem pais, mães e esposas que já estão no Brasil?”.

Já no Jornal da Record, do dia 24, a matéria faz parte da série de reportagens especiais sobre as enchentes no Acre e Rondônia (intitulada A Grande Enchente) e tem 4’44” de duração. Além dos haitianos, comenta sobre a nova

leva de outros imigrantes que chegam ao Brasil, como os senegaleses, recém chegados ao Acre e partindo para Rondônia. A peça se inicia com uma sonora de um haitiano não identificado que diz passar fome no país de origem devido à pobreza. Mostra o atendimento médico com vacinas e exames feitos na chegada deles.

Na passagem do repórter, dentro do centro de triagem dos imigrantes, há uma tentativa de contextualização dessa imigração e imagens de filas para a emissão de documentos. Outro imigrante é utilizado como personagem, identificado apenas no *off* com seu primeiro nome, dizendo ter deixado família no Haiti, mas com esperança de encontrar emprego aqui para ajudá-los. O Secretário de Direitos Humanos no Acre, Nilson Mourão, identificado no GC, fala sobre o local como porta de entrada dos imigrantes que, depois de passar pelo Acre, seguem para outros estados do país. Segundo ele, o trabalho feito ali “ajuda as pessoas a seguirem seu caminho Brasil afora”. A segunda parte da reportagem é sobre os senegaleses que também chegam a Brasileia e embarcam em um voo fretado para Porto Velho. A reportagem faz o trajeto aéreo com eles mostrando o cansaço e a esperança de encontrar emprego. Durante a viagem um imigrante é entrevistado, sem nenhuma identificação, e fala da falta de trabalho na terra de origem. Do aeroporto vão até a rodoviária onde embarcam para o sul do Brasil. Lá, outro entrevistado imigrante fala sobre a expectativa de viver no Brasil e diz não existir separação ente negros e brancos neste país. Mais um imigrante é utilizado como personagem, identificado apenas no *off*, e que trabalha em Rio Branco como pintor, ganhando R\$ 800,00 — considera-se rico e feliz no Brasil. O repórter termina a matéria com a frase: “Boa sorte, John, rico trabalhador do Haiti”.

No dia 28, o Bom Dia Brasil exibiu uma reportagem sobre o assunto, primeiramente com um *link* ao vivo da igreja que recebe os haitianos relatando os dados da nova leva de imigrantes que chegaram a São Paulo. Em seguida, outro *link* do Acre mostra o galpão onde os haitianos estão vivendo enquanto não se mudam para a capital paulista. Na sequência, um ao vivo do estúdio em Brasília em que Renata Lo Prete contextualiza a imigração resultante, entre outros fatores, do terremoto que assolou o país. Em tom opinativo os âncoras de Brasília e do Rio destacam a crise entre os estados como jogo de empurra em ano de eleição em vez de tratá-la como questão humanitária. Lo Prete co-

menta também que o governo federal diz que a política é de fronteiras abertas (com a documentação dos imigrantes), mas é preciso organizar os órgãos envolvidos (ministérios) para evitar o emprego em condições precárias. Para ela, o fluxo atende a demanda de trabalho no Brasil na construção civil, indústria e no agronegócio, mas lembra que imigração é assunto do governo federal.

No mesmo dia, o Jornal Nacional faz uma suíte do assunto mostrando outras levas de imigrantes que chegavam a São Paulo. A reportagem, com duração de 2'53", é de José Roberto Burnier, que já havia feito a primeira matéria sobre o caso. O texto diz que nos últimos 18 dias já haviam chegado 800 pessoas, 236 para uma igreja no centro de São Paulo. A passagem, novamente, mostra a situação provisória do local onde estão abrigados os estrangeiros, dessa vez na hora do almoço, "repare que eles formam uma fila e ficam muito juntos uns dos outros com medo de perder o lugar na fila ou alguém querer furar a fila. Olha aqui, esse aqui está tentando entrar aqui, mas eles não deixam não", diz o repórter. Como fonte estão a assistente social, Monica Quenca, que comenta a falta de ajuda do poder público na questão da alimentação dos imigrantes, e o ministro do Trabalho, Manoel Dias, que deu uma entrevista coletiva sobre o assunto e anunciou uma estrutura para regularizar os haitianos, como acontecia no Acre, ampliando esse serviço também para Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Não há uma crítica ao governo acreano. Também foram mostrados alguns empresários que estão contratando os haitianos para a construção civil e panificação. Ione Yamasaki, dona de uma panificadora, foi entrevistada e diz que já contratou cinco haitianos e que eles parecem ter muita vontade de trabalhar. A nota pé comenta que o governador de São Paulo, Geraldo Alkmin, do PSDB, disse em nota que procuraria o ministério da Justiça para que uma ação conjunta pudesse receber melhor os imigrantes. A mesma nota esclarece também que o governador do Acre, Tião Viana, do PT, afirmou que a situação dos haitianos é um problema da União e que já os procurou diversas vezes para tentar uma melhor solução. Já o Ministério da Justiça, por sua vez, disse que tem ajudado o Acre com recursos adicionais justamente para proporcionar uma melhor integração desses haitianos.

A suíte do Jornal da Record é exibida no dia 29 e mostra os imigrantes já em São Paulo em busca de emprego, muitos deles sem documentos. Há também a informação de que estariam sendo emitidas 110 carteiras de traba-

lho. A reportagem inicia com um personagem, imigrante haitiano que comenta sua situação. Chegou há sete meses e está achando a vida difícil no país. Sua identificação é feita apenas no *off*, sem GC. Há ainda uma sonora com Rogério Hamam – Secretário de Desenvolvimento Social de São Paulo, que fala sobre a distribuição dos haitianos nos abrigos. Fala-se das instituições religiosas que sofrem com a superlotação. A repórter faz a passagem dentro do alojamento vazio, o mesmo mostrado pela Globo, em que os imigrantes haitianos estão hospedados em São Paulo, falando da passagem de 600 haitianos pelo local. São cerca de 200 pessoas no local, que buscam emissão de documentos, principalmente carteira de trabalho. Unidades móveis auxiliam na emissão. A reportagem usa um abre-áudio de Luiz Antônio de Medeiros, sup. regional do Trabalho e Emprego, que fala aos haitianos que todos receberão carteiras de trabalho. Há imagens ainda do refeitório. A mesma reportagem, de 1'56", foi exibida no dia 30 de abril, no Fala Brasil.

5. Conclusões

A homogeneização da cobertura do envio de imigrantes haitianos do Acre para São Paulo ocorrido no final do mês de abril é, sem dúvida, a principal característica encontrada na análise das peças. Para além da construção textual, também a narrativa visual mostra uma semelhança entre as coberturas dos dois canais. Não obstante, o uso de trilha sonora ocorre apenas em uma das matérias, da Record, e dramatiza o texto em conjunto com planos fechados nos imigrantes. No geral, a exibição das condições precárias de alojamento e de alimentação, bem como a espera por documentos, são recorrentes em todas as peças. Até mesmo a gravação das passagens dos repórteres de diferentes emissoras ocorre no mesmo local, com observações bastante semelhantes em seus textos.

No que diz respeito às fontes, é importante observar uma dedicação maior às vozes oficiais, principalmente nos telejornais da Globo, nos quais nenhum imigrante foi entrevistado. Nas duas reportagens do Jornal Nacional somam-se quatro fontes oficiais e uma fonte proveniente da comunidade, que classificou como positiva a chegada dos estrangeiros. Já as reportagens da Record sempre utilizam como fontes os imigrantes. Na matéria do dia 24 foram

quatro estrangeiros e uma voz oficial. Já na suíte do assunto, foram duas vozes oficiais e uma imigrante.

No Bom Dia Brasil, a importância do assunto rendeu *links* ao vivo tanto no Acre como em São Paulo, para mostrar a situação, e também em Brasília, onde a âncora utiliza-se da opinião para contextualizar o assunto. De todas as peças encontradas, esta é a única que usa o gênero opinativo em forma de comentário.

Com relação à abordagem, ambas as emissoras inseriram, na maioria das vezes, peças sobre o tema em meio a matérias sobre política, tratando-as, portanto, como uma crise/conflito dessa natureza. Nesse sentido, é importante observar a ênfase dos noticiários em relação aos partidos dos governadores envolvidos, sempre bastante claros quando se tratava de relacioná-los ao PT, no caso do Acre, que enviou os imigrantes, e PSDB, de São Paulo, que recebeu os mesmos, embora não tivesse sido avisado do fato. Assim, da forma como as reportagens foram organizadas, poderia-se interpretar a ação do governante do PT como quem pretende “livrar-se” do problema enquanto o governo do PSDB tentava organizar a situação com vistas ao “bem estar” dos estrangeiros.

Os estrangeiros, no papel de vítima de um sistema falho, são mostrados como pessoas trabalhadoras que vieram em busca de uma vida melhor, em uma reconstrução clara da Jornada do Herói (CAMPBELL, 1995). Embora sempre retratados com aspecto fragilizado, reforçado pela incapacidade de narrar suas próprias histórias (visto que são pouco usados como fonte), os imigrantes negros do Haiti também aparecem como salvação para a escassa mão de obra em alguns setores da economia brasileira. Tendo em vista a única entrevista com um morador local, que analisa a vinda dos estrangeiros para o Brasil (Jornal Nacional, dia 28), a imigração tem caráter positivo, é necessária e sua integração se dá com facilidade. O exemplo de superação e de felicidade em estar no Brasil por parte do único haitiano já empregado ouvido pela reportagem (Jornal da Record, dia 24) reforça essa sensação positiva. Nesse sentido, alguns estereótipos são criados em relação aos imigrantes em geral, mas especialmente neste caso aos haitianos, que variam de acordo com a posição que ocupam (ou que pretendem ocupar) no já estabelecido tecido social. Se alguns momentos, como foi o caso dos cubanos do programa Mais Médicos em

2013 (JAVORSKI; SCREMIN, 2014), eram entendidos como ameaça, outros, como nessas circunstâncias, o caso dos estrangeiros em situação de refugiados, têm diferente abordagem pelos meios de comunicação.

Referências

- BIROLI, Flávia. **Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico**. Rev. Bras. Ciênc. Polít. [online]. 2011, n.6, pp. 71-98. ISSN 01033352. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010333522011000200004&script=sci_arttext>. Acesso em 26 de março de 2014.
- BORNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Coimbra: Almedina, 1976.
- CABECINHAS, Rosa. **Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais**. Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, 2004. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1650/1/rcabecinhas_II_Iberico_2004.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2014.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Editora Cultrix/Pensamento, 1995.
- COGO, Denise; BADET, Maria. **De braços abertos... A construção midiática da imigração qualificada e do Brasil como país de imigração**. In: ARAÚJO, E., FONTES M., BENTO, S. (eds.) Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros. Braga (Portugal): CECS, Univ. do Minho, 2013, p. 32-57. Disponível em: <<http://goo.gl/AsVrrK>>. Acesso em 05 de março de 2014.
- FELLET, João e KAWAGUTI, Luis. **Envio de haitianos a SP escancara crise migratória**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425_haitianos_ente_nda_jf.shtl>. Acesso em 11 de setembro de 2014.
- FREIRE FILHO, João. **Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias**. Outubro, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/kO4SXZ>>. Acesso em 17 de maio de 2014.
- GIRALDI, Renata. **Saldo do terremoto no Haiti é de 220 mil mortos e 1,5 milhão de desabrigados**. Brasília, Agência Brasil. Disponível em: <<http://goo.gl/v7X0Md>>. Acesso em 05 de março de 2014.
- HALL, Stuart *et al.* **A produção social das notícias: o “mugging” nos media**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. 2 ed. Lisboa: Vega, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010**. Brasília, 2012. Disponível em: < <http://goo.gl/TIVnb0>>. Acesso em 30 de março de 2014.

JAVORSKI, Elaine; SCREMIN, Liege. **O Enquadramento das Notícias sobre os Estrangeiros do Programa Mais Médicos** In: Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 8 a 10 de maio de 2014, E [recurso eletrônico]: Comunicação Guerra e Paz/ organizado por Marialva Barbosa, Maria do Carmo Silva Barbosa e Daniela Facchini Germann. [Realização Intercom e Unisul] São Paulo: Intercom, 2014

JUNQUEIRA, Diego. **Número de haitianos no Brasil triplica em 2013 e já passa de 21 mil**. Janeiro, 2014. Disponível em: < <http://goo.gl/ErOYLQ>>. Acesso em 16 de março de 2014.

MACHADO, Altino. **Haitianos relatam que encontraram corpos em decomposição durante fuga para o Brasil, diz antropóloga**. Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://goo.gl/T1XXPM> />. Acesso em 25 de março de 2014.

MORAES, I.; ANDRADE, C.; MATTOS, B. **A Imigração Haitiana para o Brasil: Causas e Desafios**. Revista Conjuntura Austral, Porto Alegre, v. 4, n. 20, p. 95-114, Out. Nov. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/43397/27336>> . Acesso em 05 de março de 2014.

OIM; CNPD; MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Perfil migratório do Brasil**. 2009. Genebra: OIM, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/eP9joR>>. Acesso em 24 de março de 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Mundo tem 232 milhões de migrantes internacionais, calcula ONU**. Setembro, 2013. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu>>. Acesso em 25 de março de 2014.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

PRADO, José Luiz Aidar. **O perfil dos vencedores em Veja**. Revista **Fronteiras: estudos midiáticos**. V. 5, n. 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PRATES, Maria Clara. **Número de estrangeiros que pedem para morar no Brasil mais que dobrou**. Março, 2014. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/03/03/interna_nacional,5>

04022/numero-de-estrangeiros-que-pedem-para-morar-no-brasil-mais-que-dobrou.shtml>. Acesso em 18 de março de 2014.

Autores:

Anne Louyse Maciel de Araújo

Endereço: Praça Osório 115, ap 12, Centro, Curitiba - Paraná.

Contato: 41 9620 5799

Email:annelouysearaujo@gmail.com

Graduanda em jornalismo.

Elaine Javorski

Endereço: Rua Ubaldino do Amaral, 1062, ap 201, Curitiba – Paraná

Contato: 99123407

Email: elainejavorski@hotmail.com

Docente UniBrasil, doutoranda pela Universidade de Coimbra, Portugal;

supervisora do grupo de pesquisa sobre Representação das Migrações

Contemporâneas na Mídia

Área de estudo: televisão